

GT40: Esportes, autoritarismo e pandemia: problematizações e resistências em tempos extremos

Mariane da Silva Pisani, Luiz Rojo

Este Grupo de Trabalho amplia os debates iniciados na Mesa Redonda ocorrida na última RBA (2020). Nosso objetivo é acolher trabalhos (em andamento ou concluídos) que abordem como as práticas esportivas (no Brasil e no mundo) lidam com o atual giro político à direita. Temos vivido retrocessos políticos, aumento do autoritarismo, aumento de violências (de gênero, étnico-raciais e/ou LGBTfobia) e, mais recentemente, a Pandemia de Covid-19. Neste cenário as práticas esportivas e seus(uas) participantes sofreram duros impactos, afinal sabemos que os esportes devem ser compreendidos como fenômenos sociais que conectam esferas da vida pública e privada. Receberemos pesquisas que evidenciem como os esportes e suas práticas são inteseccionados por questões como: política, gênero, raça, etnicidade, sexualidade, deficiência, saúde, pandemia, dentre outras. Incentivamos que as(os) proponentes enviem suas reflexões tendo como base diferentes modalidades: futebol, vôlei, rugby, dança, basquete, boxe, atletismo e/ou outros. Ou mesmo tendo como pano de fundo os megaeventos como Jogos Olímpicos, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo (masculina e feminina). A partir destes diferentes cenários evidenciaremos como os esportes tem sido palco de disputas políticas, identitárias e sanitárias. Logo não podem e não devem ser compreendidos como arenas alienantes, uma vez que são disputados e podem ser apropriados tanto por pautas progressistas, quanto por perspectivas totalitárias.

Mulheres no futebol e a permanente busca por reconhecimento: avanços, lutas e resistências

Autoria: Thaís Rodrigues de Almeida, Caroline Soares de Almeida

Futebol e misoginia parecem ter encontrado um espaço comum no Brasil, afinal, além da modalidade ter ficado proibida por quase quarenta anos às brasileiras, os ofícios que permeiam a organização, direção e produção de conteúdos, têm sido desestimulados desde o início dessa prática às mulheres. Apesar de atualmente estarmos em um contexto em que as mulheres obtiveram avanços no universo futebolístico - igualdade de prêmios e salários entre as seleções, mais árbitras nos quadros das federações, espaço de visibilidade em canais da televisão aberta a jogos, maior incentivo aos campeonatos, entre outros fatores -, ainda acompanhamos comportamentos agressivos contrários a esse processo. São casos de assédio, xingamentos, agressões físicas, menosprezos que tomam maior volume em situações extremas, como as que vivemos durante a pandemia por Covid-19, mais propriamente, em junho de 2020. Na ocasião, o presidente do Esporte Clube Vitória (BA), Paulo Carneiro, havia se negado a repassar o valor encaminhado pela Confederação Brasileira de Futebol às jogadoras do clube. A justificativa era que a verba, mesmo como auxílio às futebolistas, seria mais bem empregada para sanar dívidas do futebol masculino. Paulo Carneiro ainda declarou que o incentivo ao futebol feminino era demagogia, o associando a uma "politicagem" comunista. A partir dos elementos apresentados, o objetivo desta proposta é discutir as representações de mulheres profissionais do futebol no decorrer do desenvolvimento desse esporte no país, assim como o reflexo dessa construção e desafios presentes na atualidade. Para tanto, sustentamos nossas análises no olhar antropológico para as práticas esportivas e na perspectiva dos estudos de gênero. Pontuamos que, apesar do futebol de mulheres ter obtido avanços e visibilidade, permanece enquanto um território de lutas e vigilância por reconhecimento, valorização e resistência, ante as diferentes formas de violência direcionadas às mulheres envolvidas neste universo.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

